

SOBRE AS PERGUNTAS EM EDUCAÇÃO OU SOBRE UMA EDUCAÇÃO NO PERGUNTAR¹

Walter Omar Kohan

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

TRADUZIDO POR

Valéria Araújo

1 → Tradução de "Sobre las Preguntas en Educación o Sobre una Educación en el Preguntar," *Lapiz* 6 (2021): 17-26, disponível gratuitamente para download em www.lapes.org. Os números nas margens referem-se à paginação no original. The English translation of this article is also available for free download at www.lapes.org.

Você, amiga, amigo leitor, tem alguma pergunta em relação ao título deste texto? Antes lhe faço uma pergunta. Está sozinho u sozinha? Gostaria de encontrar alguém para ler este texto conjuntamente? Seria interessante. Pode ser que você encontre várias pessoas, muitas ou somente uma. Isso enriquecerá a sua leitura porque poderá dialogar sobre o que vamos fazer. Também lhe permitirá perceber, mais claramente, como o que pensamos se modifica e amplia quando o fazemos com alguém. Não é imprescindível, mas enriquece. Caso não encontre companhia, faça apenas uma pergunta a partir do título. Se encontrou companhia, diga ao seu companheiro ou companheira de leitura que também faça ou se faça uma pergunta. Repito o título sobre o que perguntar ou perguntar-se algo: *Sobre as perguntas em educação ou sobre uma educação no perguntar*. Há algo que o(s) ou a(s) inquieta, sobre essa afirmativa? Repare(m) no “o(s)” (ou “a(as)”): O(s) ou a(s) afeta(m) essa pergunta? Afeta de que maneira? Não tenha pressa. Espero. Não há pressa. Leve(m) todo o tempo que precisar(em). Por favor, somente continue(m) lendo depois de pensar nessa questão. É importante que tentem encontrar um tempo propício para pensar. Desligue seu celular. Desconecte-se. Diminua a velocidade de sua experiência temporal. O tempo de perguntar(se) é um tempo especial, mais demorado, lento. Mais intenso que extenso. Somente siga lendo quando você o encontrar. Você também descobrirá o porquê. Já encontrou ou encontraram esse tempo? Já veio uma pergunta? Vocês podem estar perguntando(se): que tipo de pergunta? Pode ser qualquer pergunta, basta que tenha relação com o título, que seja uma pergunta de verdade, isto é, que surja de algo que desperte a sua curiosidade, que você(s) não saiba(m) a resposta e tenha(m) interesse em buscá-la, uma pergunta que lhe(s) pareça valer a pena. Não se preocupem que seja “a” pergunta, que pareça complexa e sofisticada. Não, basta que seja sincera. Pode ser simples. O importante é que você(s) sintam(m)-se relacionados com a pergunta, que sintam(m) que tem(têm) uma relação com a pergunta; que a pergunta o(s) afete. Sim, pode ser mais de uma, várias perguntas. A quantidade que quiserem. Basta que encontrem uma.

Aliás, as perguntas se buscam ou se encontram? Se encontram quando se buscam ou quando não se buscam? De fato, esses seriam

exemplos de perguntas que estamos buscando (ou encontrando). Seriam minhas perguntas, as que eu poderia anotar se estivesse lendo e não escrevendo este texto. Embora, pensando bem, como me interessam, parecem valer a pena e me despertam curiosidade, também vou anotá-las. Pense(m) você(s) em sua(s) pergunta(s). Quando as tiverem, seguimos. Repito, não há pressa, leve(m) todo o tempo que necessita(m). Já a(s) tem(têm)? Muito bem. Então, anote(m) essa ou essas perguntas em uma folha, ponha(m) a folha de lado por um momento e sigamos, você(s) lendo e eu escrevendo.

Mantenham as perguntas em suspenso e a(s) relacione(m) com isto que vou escrever em seguida. Voltaremos a(s) pergunta(s) em breve. A relação entre ensinar e aprender é uma das questões centrais em qualquer teoria e prática educativa. Para o educador brasileiro Paulo Freire, uma das principais referências das teorias críticas em educação, entender essa relação foi quase uma obsessão intelectual, sobre a qual ele retornou diversas vezes em seus livros, cartas e entrevistas. Vamos prestar atenção a um de seus “livros falados”: *Por uma pedagogia da pergunta*.² Tudo é interessante nesse livro, para aqueles de nós que nos sentimos atraídos pelo seu título: a forma do livro, pois a conversação talvez seja a forma que a escrita mais se aproxima do diálogo; e também seu conteúdo, pois justamente compreende o valor e sentido da pergunta como elemento fundamental de uma prática educativa dialógica. Algo como o que parece sugerir nosso título.

Nesse livro, Freire e o filósofo chileno Antonio Faundez reafirmam uma pedagogia que não está centrada nem no educador ou na educadora, nem no educando ou na educanda, mas na própria relação pedagógica: educadores e educandas ensinam e aprendem em uma relação na qual a pergunta ocupa o papel principal. Através de suas perguntas, ambos dão vida a sua curiosidade, reconsideram o que sabem, abrem novas perspectivas e possibilidades de saber. Paulo Freire busca afirmar uma posição educativa democrática e ao mesmo tempo rigorosa para quem ensina. Uma das perguntas que talvez escreveria se estivesse lendo este texto seria: “Como exercer essa

2 → Paulo Freire e Antonio Faundez, *Por uma pedagogia da pergunta* (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014).

posição de maneira política, teórica e prática, sem renunciar as exigências do ensinar e, a mesmo tempo, de uma vida educadora democrática?” Essa talvez seja uma das perguntas que atravessam não somente esse seu livro, mas boa parte da vida e obra de Paulo Freire. Como toda boa pergunta, é impossível de ser respondida, mas ao mesmo tempo, é necessário tentar fazê-lo. Sim, eu sei. Você, leitor, leitora deve estar neste momento pensando se a sua pergunta é ou não é uma boa pergunta. Não se preocupe(m) com isso agora. Sigamos, você(s) lendo e eu escrevendo. Como todo conhecimento se inicia na pergunta, afirma Faundez, o primeiro que deveria ser ensinado e aprendido é a perguntar. E para ensinar e aprender a perguntar, Paulo Freire sugere, temos que começar pela pergunta “o que significa perguntar?”, outra pergunta necessária e impossível.

Trata-se igualmente de uma pergunta que, apesar de sua aparente simplicidade, esconde uma complexidade extraordinária e que provoca muitas outras perguntas como: é possível ensinar (e aprender) a perguntar? Se for, como fazê-lo? Por que perguntar? Para que fazê-lo? São o mesmo perguntar o de quem ensina e o de quem aprende? Perguntar ou perguntar-se? E tantas outras perguntas...

Sim, imagino. Você(s) deve(m) estar pensando que eu deveria justamente ter apresentado essas perguntas antes de pedir que fizesse(m) uma pergunta. Novamente, não se preocupe(m). Por um lado, ninguém vai julgar a(s) sua(s) pergunta(s); por outro lado, uma das graças de perguntar é que o aprendemos enquanto praticamos. Então, não há melhor maneira de aprender essas perguntas do que exercitando o próprio perguntar. De modo que, se você está se fazendo perguntas como essas ou parecidas, começamos bem e estamos no bom caminho. Calma. Sigamos.

Freire e Faundez não estão sozinhos nessas preocupações e nem as inauguraram, claro. Para não ir a outros lugares, um dos mestres da escola popular latino-americana, Simón Rodríguez, criou uma escola que ensinava, antes de mais nada, a perguntar. Acreditava que era necessário ensinar a perguntar para poder ensinar a pensar, a base de qualquer outro ensinamento, inclusive a leitura e a escrita. Considerava que quem aprende a pensar poderá não somente aprender o que quiser, mas aprender a mover-se entre outros dois opostos, também

cruciais para qualquer teoria e prática pedagógica: a autoridade e a liberdade. Em suas palavras:

OBEDECER CIEGAMENTE, es el principio que gobierna. Por eso hay tantos Esclavos – i por eso es Amo el primero que quiere serlo. Enseñen los niños a ser PREGUNTONES! Para que, pidiendo el POR QUÉ, de lo que se les mande hacer, se acostumbren a obedecer... a la RAZÓN! No a la AUTORIDAD, como los LIMITADOS. Ni a la COSTUMBRE, como los ESTUPIDOS.³

21

Rodríguez pensava que se queremos uma vida em comum, que não seja autoritária, precisamos educar meninas e meninos questionadores, que busquem o porquê das coisas e não se contentem com os hábitos e costumes, nem com as autoridades governantes. Rodríguez não ficou somente nas palavras: como uma espécie de Ministro da Educação de Simón Bolívar, inventou uma escola popular, em 1826, em Chuquisaca, então capital da Bolívia. A sua escola era revolucionária: mudava a ordem das coisas. O discurso educativo dominante nas colônias dizia na época – e ainda diz – que as escolas eram necessárias para formar cidadãos. Rodríguez dizia que não eram as escolas que formavam cidadãos, mas os cidadãos que formavam as escolas: “*escuelas para todos porque todos son ciudadanos*”.⁴ O plano era construir muitas escolas como essa, com todos os cidadãos e cidadãs que as escolas monárquicas não consideravam tais para, através do perguntar e do pensar, inventar um novo modo de vida comum. Rodríguez chama atenção para o fato de que era preciso considerá-los cidadãos antes de oferecer-lhes escola; se não, não há escola que mereça esse nome. Se pensamos que na escola faremos cidadãos, não faremos uma escola.

Algo na escola de Simón Rodríguez deve ter perturbado fortemente aqueles que defendiam ideias diferentes, porque derrubaram essa

3 → Simón Rodríguez, *Obras completas, Tomo II* (Caracas: Presidencia de la República, 2001), 27.

4 → Simón Rodríguez, *Obras completas, Tomo I* (Caracas: Presidencia de la República, 2001), 284.

escola durante uma de suas viagens a Cochabamba, em que exploraria a invenção de outra escola popular. É uma pena. Quem sabe se as escolas de Rodríguez tivessem podido existir, hoje estaríamos preocupados com outras questões na educação. E nos faríamos outras perguntas. Assim, nos damos conta que as perguntas que nos fazemos não as fazemos somente nós, mas que são perguntas que têm uma história, uma memória, uma geografia.

Rodríguez oferece um elemento também imprescindível para educar no perguntar, do que já falamos, porém vale a pena destacar a virada que o maestro venezuelano dá: se alguém quer ensinar a perguntar(se) é necessário que também (se) pergunte. Não há meninas e meninos questionadores sem professores e professoras questionadores. Não no sentido de perguntar o que os outros sabem, mas de se perguntar o que elas e eles próprios acreditam saber para poder saber de outra maneira.

De Rodríguez, geralmente, lembramos uma frase que tem muito a ver com as perguntas e o perguntar: “*inventamos o erramos*”,⁵ a qual o mestre de Bolívar pensava em particular para quem ocupa a posição de ensinar. A frase pode ser lida de muitas maneiras: “inventar” costuma estar associada a uma atividade criativa, inovadora, própria de uma individualidade que traz ao mundo algo que não existia antes. É verdade, também tem esse sentido para Rodríguez, pois é preciso criar, na escola, um mundo e uma forma de habitá-lo que não existe nas escolas da colônia. No entanto, para além disso, etimologicamente, “inventar” significa algo mais: deriva da palavra *inventus* em latim, formada por *ventus*, participio passado do verbo *venire*, que significa vir, chegar. Isso significa que *ventus* é o que veio ou chegou. O que chegou *in*, ou seja, o que chegou dentro, o que estava fora e entrou. De modo que “inventar”, a partir de sua etimologia, também quer dizer chegar dentro e, no caso de um educador ou educadora, abrir as portas para que se possa entrar na escola. A segunda parte da disjuntiva é uma forma do verbo “errar”, que em seu sentido mais comum significa equivocarse, não acertar. Nesse sentido, é ampla a literatura sobre o errar e o erro na educação, e cada vez mais se

5 → Rodríguez, *Obras Completas*, I, 344.

valoriza positivamente o errar e o erro, tanto para quem ensina tanto para quem aprende. Contudo, “errar” tem ao menos outro sentido: o de vagar, andar, deslocar-se sem um ponto fixo de chegada, atento aos sentidos do próprio caminhar. Finalmente, a disjuntiva “ou” também tem mais de um significado. Como disjunção, pode ser exclusiva, ou seja, pode querer afirmar apenas uma das coisas que contrapõe: uma coisa ou a outra, porém não as duas: um triângulo, tem 3 ou 4 lados? Se tem 3 não pode ter 4; se tem 4 não pode ter 3. Ou pode ser uma disjunção inclusiva, ou seja, uma coisa ou a outra, porém também as duas: um triângulo, tem 3 lados ou 3 ângulos? Pode ser uma ou as duas. Nesse caso são as duas, porém também poderia perguntar-se: um triângulo, tem 3 lados ou 5 ângulos? E a disjunção poderia seguir sendo inclusiva, ainda que a resposta à segunda parte seja falsa porque todos os triângulos têm 3 lados. Porém, para um triângulo ter 5 ângulos não é incompatível com ter 3 lados, ainda que não seja verdadeiro. Por outro lado, a disjunção também pode querer dizer outra coisa, isto é, que as duas alternativas são equivalentes ou formas do mesmo: “um triângulo ou uma figura de 3 lados e 3 ângulos”. Isso significa que não existe triângulo que não tenha 3 lados e 3 ângulos e não existe figura de 3 lados e 3 ângulos que não seja um triângulo. São a mesma coisa, se equivalem.

Sem que tenhamos esgotado seu significado, é notório que “inventamos ou erramos” pode querer dizer muitas coisas para quem ocupa a posição de ensinar. O que nos diria, leitor, leitoras, a você(s) e a mim nesse momento? Que ensinar exige que inventemos para não errar? Que errar é uma forma de inventar? Que quem ensina deve inventar, no sentido de criar, abrir as portas ou ambos? A errância é uma figura inventiva da docência? Poderíamos também fazer perguntas à própria disjunção: é possível que um educador ou educadora invente ou erre em nossas escolas em nossos dias? Se sim, como? Para que fazê-lo?

Poderíamos também nos fazer perguntas sobre a relação entre o perguntar, o inventar e o errar: pode ser o perguntar uma forma de inventar e de errar? É possível inventar ou errar sem perguntar? Ou melhor, é possível inventar ou errar sem perguntar-se? Penso um pouco nessas perguntas que acabo de escrever e me pergunto se

essas perguntas são realmente perguntas porque me parece que acredito saber a resposta. Então, se assim for, não estaria me perguntando e, talvez, não se trate de perguntas que queiram perguntar, mas sim afirmar. Além disso, me perguntam? Nos perguntam, leitor(es)? Bom, me dou conta que talvez seja um bom momento para parar de fazer perguntas. Espero que, em sua(s) leitura(s) errante(s), vocês também estejam fazendo suas próprias perguntas, inventando ou errando escola, qualquer que seja a forma de entender essa frase.

24

Assim, chegamos a um ponto que é, ao mesmo tempo, complexo e delicado: as perguntas não têm dono, porém também não podemos separá-las de quem as fazem sem que algo forte se perca: a mesma pergunta pode ter sentidos muito distintos, para sujeitos diferentes, em contextos diversos. Desse modo, esta é uma das questões principais: o que importa não é tanto a letra da pergunta, mas a relação que estabelecemos com ela, o efeito que a pergunta provoca, o que deixamos que uma pergunta faça com nossas ideias, expectativas, saberes. Em outras palavras: o lugar que damos a uma pergunta para que nos ajude a pensar. Pense em sua(s) pergunta(s): não importa a sua letra, mas o que você(s) está(ão) fazendo com ela, ou deixando que ela faça com você(s): tem permitido que ela(s) o(s) questione?

Nesse sentido, creio que a essa altura já possa dizer a você(s), estimado(s) leitor(es) ou leitora(s): o que mais importa não é tanto fazer esta ou aquela pergunta, mas fazer perguntas a si mesmo, perguntar-se, deixar-se questionar, atravessar o próprio pensamento e a vida que vivemos por uma pergunta: deixar que uma pergunta nos sacuda e comova para que possamos começar a errar, no duplo sentido de equivocar-se e vagar, no próprio pensamento.

Pensem por exemplo na experiência temporal que tivemos até aqui, desde o momento que buscamos a pergunta até este momento. É um tempo diferente daquele ao qual estamos acostumados no mundo do trabalho, certo? Menos produtivista, resultadista, instrumental. É um tempo mais próprio, que nos toca mais diretamente. Pode não sair nada concreto como resultado. Mas talvez nós mesmos(as) saíamos modificados desse exercício. E quem sabe se essa experiência temporal nos permita questionar como, em geral,

experimentamos o tempo em nossas relações laborais, afetivas e amorosas. E esse processo de perguntar começa, mas não termina...

No caso de um exercício educativo conjunto, o que conta é que questionemos juntos o mundo comum que habitamos, que nos façamos um mundo de perguntas e perguntas, no mundo, sobre o mundo, desde o mundo, para pôr em questão o modo em que habitamos esse mundo, com o sentido de que, inventando ou errando, sejamos capazes de habitar outro mundo. Inventando escola, errando com outros. Errando, inventando escola com outras.

25

Nesse sentido, as perguntas e o perguntar têm um espaço muito importante nas minhas práticas pedagógicas, tanto na Universidade e nas escolas quanto fora delas, com estudantes de qualquer gênero, idade, classe e cor. Sempre procuro iniciar e terminar uma atividade pedagógica com perguntas porque, como vimos, é ali que começa um pensamento. Também por isso pedi a você(s) leitor(es) uma pergunta no início, porque queria que este texto fosse o mais coerente possível com o que penso sobre o papel das perguntas no aprender e no ensinar e, ademais, porque realmente acredito que só se pode perguntar de verdade a partir do próprio exercício da pergunta. Portanto, espero que você(s) esteja(m) agora pensando algo diferente do que se simplesmente tivesse(m) lido este texto sem uma pergunta que, de alguma maneira, está afetando e impactando essa leitura.

Agora, vamos dar mais um passo neste pequeno exercício. Vamos pegar aquela pergunta que nos fizemos no início. Se estivermos acompanhados vamos intercambiar as perguntas: pegamos a de uma companheira ou companheiro. E depois, quando temos as perguntas de uma companheira ou companheiro, o que podemos fazer com essa pergunta? Respondê-la? É uma possibilidade, e as vezes é importante responder algumas perguntas. Porém, como nesse caso estamos mais interessados no valor das perguntas e o perguntar, em vez de respondê-la vamos fazer uma pergunta à pergunta inicial (se estivermos sozinhos ou sozinhas, pegamos a nossa própria pergunta; se recebemos ou fizemos mais de uma no começo, elegemos uma delas, a que mais nos atraia nesse momento). Ou melhor, vamos fazer duas perguntas à pergunta inicial. Fazemos duas perguntas a essa pergunta e as escrevemos abaixo dessa. Quando as tenhamos

prontas, se as tivermos trocado com alguém, iremos devolvê-las. Se estivermos sozinhos ou sozinhas, leremos as perguntas cuidadosamente por um tempo. E depois, o que podemos fazer com essas duas novas perguntas que temos agora? Bem, mais uma vez, poderíamos fazer muitas coisas, porém vamos reuni-las novamente em uma pergunta, só que não pode ser a mesma que a pergunta inicial.

Então, repito o exercício: tínhamos uma pergunta, fizemos ou nos fizeram duas perguntas a essa pergunta inicial e agora reuniremos essas duas perguntas em uma nova pergunta, diferente da primeira. Está claro? Partimos de uma pergunta, de uma inquietude, de algo que queríamos saber, que nos interessava, fizemos ou nos fizeram duas perguntas, ou seja, nos movemos ou fomos movidos a nos interessar ou inquietar por algo relacionado à nossa inquietude inicial em duas direções e, ao final, reunimos essas duas possibilidades em uma nova pergunta que nos interessa agora pensar. Em outras palavras. Nos perguntamos. Nos perguntaram sobre nosso perguntar. Voltamos a nos perguntar em outra direção, com outro sentido. Estamos andando no pensamento: inventando ou errando? Acredito que a esta altura cada um pode estar ensaiando essas e outra perguntas.

Estamos chegando ao fim do exercício. De certo modo, estamos como no início. Começamos com uma pergunta. Estamos terminando com outra pergunta. Se não for a mesma (e não pode ser!), não estamos no mesmo lugar, não estamos perguntando o mesmo, andamos com nossas perguntas... ou nossas perguntas nos fizeram andar. Podemos agora seguir andando em muitas direções: por exemplo, se algo do que está escrito aqui ou do que pensamos enquanto líamos este texto nos ajuda a pensar sobre as perguntas que fizemos. Ou se, todavia, nos surgem mais perguntas. Ou se queremos mudar algumas das perguntas que tínhamos. Ou se, todavia, nos surgem novas perguntas. Ou se as nossas perguntas são efetivamente boas perguntas ou também, o que faz com que uma pergunta seja “boa”? Ou se...ou se...ou se...o exercício de pensar e perguntar parece infinito, no sentido de não ter um término...como uma linha reta, mas também como um círculo que começa e termina no mesmo lugar, em qualquer lugar, mas onde se encontram o começo

e o fim.

Terminamos e podemos começar outra vez. A cada novo começo se abrem novos caminhos para pensar: novos caminhos para inventar ou errar. Aprendemos algo sobre o valor educativo das perguntas, o perguntar e o perguntar-se? Mmmm. Agora que penso sobre isso, eu também mudei a minha pergunta. Às vezes, uma única pergunta diz mais que muitas respostas. ■